

# Notícia e reportagem: perenidade de Nilson Lage no ensino de gêneros básicos do jornalismo

Rogério Pereira Borges

## Resumo:

Este artigo debate a perenidade de obras escritas pelo professor Nilson Lage para o ensino do Jornalismo, sobretudo no que se refere a gêneros essenciais da atividade: a notícia e a reportagem. O texto analisa os aprendizados que os livros *Estrutura da Notícia*, *Linguagem Jornalística* e *A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística*, amplamente adotados em cursos da área em todo o Brasil, oferecem, não obstante vários anos decorridos e sucessivas edições, mantêm-se atuais, dialogando com linhas teóricas relevantes para a compreensão do campo de conhecimento jornalístico, como aquelas que se apoiam na construção social da realidade. A reflexão salienta articulações entre as obras de Nilson Lage com as de outros autores igualmente importantes, como Adelmo Genro Filho e Muniz Sodré, revelando que seu legado escapa da armadilha de propor um ensino de Jornalismo meramente instrumental, preferindo investir, sem ser hermético, em suas complexidades teóricas e suas riquezas epistemológicas.

**Palavras-chave:** Nilson Lage. Notícia. Reportagem.

## News and reporting: perpetuity of Nilson Lage in teaching basic journalism genres

### Abstract:

This article discusses the perpetuity of the works written by professor Nilson Lage for the teaching of Journalism, especially regarding essential genres of journalistic activity: writing news and reports. The text analyzes the lessons learned from the books *Estrutura da Notícia*, *Linguagem Jornalística* and *A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística*, which are widely used in Journalism courses throughout Brazil. The works, despite the years and successive editions, remain current and in dialogue with the present theoretical lines relevant to the understanding of the field of journalistic knowledge, as they are supported by the social construction of reality. This paper highlights important articulations of Nilson Lage's works with other relevant authors, such as Adelmo Genro Filho and Muniz Sodré, showing that his legacy escapes the trap of proposing a merely instrumental journalism, preferring to invest, without being hermetic, in his theoretical and its epistemological richness.

**Keywords:** Nilson Lage. News. Reporting.

Recebido em: 26.02.22

Aprovado em: 03.05.22

**Rogério Pereira Borges**

Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Estudos Literários e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenador do Observatório de Mídia da PUC Goiás. Autor do livro *Jornalismo Literário - Teoria e Análise* (Ed. Insular).

E-mail: rogeriopereirabor-  
ges@hotmail.com

Estudos em Jornalismo e Mídia  
v.19, n.1, jan./jun. 2022.  
ISSNe 1984-6924

**E**ncontrar um curso de Jornalismo no Brasil que não adote um título ou um jornalista formado nas últimas décadas no país que não tenha lido pelo menos uma obra do professor e pesquisador Nilson Lage é uma missão quase impossível. Seus textos são onipresentes nas bibliografias de disciplinas de redação jornalística, nos mais diferentes níveis, de universidades e faculdades que oferecem cursos de Comunicação. Isso ocorre não por um modismo ou por falta de outros autores que possam contribuir para o aprendizado e a prática laboratorial de alunos e alunas que escolheram o Jornalismo por profissão, mas sim por uma qualidade que dá impressionante perpetuidade a esses trabalhos. O Brasil produz bastante reflexão sobre Jornalismo, com congressos anuais que existem há décadas, revistas de qualidade que publicam resultados de pesquisas nas mais diferentes vertentes, coleções específicas de Comunicação em editoras de renome, programas de pós-graduação na área que demonstram solidez. A recorrência aos trabalhos de Nilson Lage, nesse contexto, dá-se exatamente porque eles têm predicados valiosos no estabelecimento de diálogos teóricos, na pedagogia do ensino das práticas jornalísticas mais empregadas e na capacidade de ver, epistemologicamente, para além do óbvio.

Este artigo trata dessas qualidades em algumas de suas obras que se tornaram canônicas na missão de auxiliar alunos a se iniciarem na aventura de aprender os meandros do Jornalismo, familiarizando-se com linguagens e lógicas de produção que podem até parecer simples à primeira vista, mas que guardam complexidades insuspeitas quando empregadas na vida real. Três dos mais populares livros de Nilson Lage exemplificam isso de forma cristalina, convidando a um olhar menos ligeiro sobre o discurso do Jornalismo e os sentidos que pode produzir, mas sem se distanciar da vida tangível, não acatando determinados divórcios que tantas vezes vemos ocorrer entre teoria e prática. Os títulos *Estrutura da Notícia e Linguagem Jornalística* – ambos da coleção Princípios, da Editora Ática, e publicados ainda em 1993 – e *A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística* – este lançado em 2006, pelo selo Record – demonstram que obras que têm como objeto um mercado tão dinâmico e cheio de mudanças podem, sim, permanecer atuais, mesmo decorrido um tempo significativo.

Isso acontece porque, para além de conteúdos certos sobre métodos de apuração e posturas profissionais adequadas, há muito mais nesses trabalhos do que tutoriais acerca de formatos, regras ou padrões. Nilson Lage não refuta a importância de tais modelos, mas não se contenta em descrevê-los, como se fossem caminhos enrijecidos e sem alternativas para a produção noticiosa. Tomando as disposições básicas do *lead* das enunciações jornalísticas, das formas possíveis de aprofundar assuntos em reportagens mais longas e elaboradas, o autor mostra que essas construções discursivas têm lastros mais antigos e possibilidades mais amplas do que ocupar páginas de jornais ou tempo na programação de emissoras de TV. Sem se tornar hermético ou inalcançável em suas ideias e ponderações, Lage consegue unir o erudito da pesquisa sólida no campo do Jornalismo – inclusive a feita no exterior – com as questões mais mundanas da profissão, sem criar uma hierarquia entre as duas dimensões.

Com essa condução de seu trabalho, ele escreve livros acessíveis, mas não superficiais. Mesmo que os volumes possam, erroneamente, ser tomados, *a priori*, como meros manuais de redação, essa aparência não se confirma nos aprendizados que organizam e compartilham. Pelo contrário, as obras propõem e comentam outros níveis de articulações, o que facilita muito o trabalho pedagógico de docentes que sabem da importância em criar vínculos interdisciplinares no ensino do Jornalismo. Seus trabalhos, portanto, têm tanta preferência e aceitação porque, além de apresentarem sem rebuscamentos desnecessários os objetivos principais que o Jornalismo deve perseguir, também possibilitam que se

alie a prática laboratorial da escrita da notícia e da reportagem com estudos em variados campos pertinentes à profissão e em profícua relação com linhas teóricas da área, como as que trilham os conceitos da construção social da realidade nas produções informativas. Com essa perspectiva, o presente texto vai abordar alguns desses aspectos e exemplos, sem, evidentemente, esgotar as infindáveis situações em que a atualidade das obras de Nilson Lage prova a capacidade de fazer avançar o conhecimento do Jornalismo, num ciclo que se retroalimenta entre ensino e aprendizagem.

## Notícia

Estruturar uma notícia pode dar a equivocada impressão de ser uma missão simples. Afinal, como diz a regra canônica a respeito, basta que se encadeie uma série de dados num texto curto, no qual sejam respondidas um número finito de perguntas básicas sobre algo que tenha ocorrido. Nilson Lage nos apresenta essa dinâmica logo na parte inicial de um de seus livros mais lidos. “O lead, na síntese acadêmica de Laswell, informa *quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê*. A documentação consiste em proposições adicionais sobre cada um desses termos.” (LAGE, 1993a, p. 27, grifos do autor). Eis a famosa “cabeça” da notícia, o primeiro parágrafo mágico que nos transporta para a cena, nos apresenta seus atores, nos fornece as primeiras informações sobre os fatos que ali se deram.

Este não é um modelo ingênuo ou simplista, porém, novamente, com a palavra, Nilson Lage. “A notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento” (LAGE, 2006, p. 18). Em sua concepção dos relatos do mundo que o Jornalismo se propõe a realizar, “a notícia pode comover, motivar revoltas ou conformismo, agredir ou gratificar alguns de seus consumidores” (LAGE, 1993a, p. 25). Mas quem decide como e o que será noticiado e de que forma essas decisões são tomadas? O que poderia sugerir automatismo, na verdade compreende uma série de fatores que o autor consegue traduzir de maneira didática, mas sem ignorar as complexidades sociais envolvidas.

Nessa direção, Lage fala em “noção intuitiva da notícia”, cujo anúncio – escrito ou audiovisual – está baseado na linguagem oral, na qual a cronologia dos fatos não é prioritária como estrutura, mas que se faz naquilo que aponta como “três fases do processo de produção de uma notícia: seleção dos eventos, ordenação dos eventos e nomeação” (LAGE, 1993a, p. 21). Neste momento, Lage enfatiza que, ainda que haja padrões, as fórmulas da notícia não são totalmente repetíveis. Pelo contrário, cada fato noticiado possui especificidades que, inseridas em determinados métodos e balizas de apuração e redação, ganham outras conotações, nunca resultando em uniformidades. E isso porque o mundo, as pessoas e os acontecimentos não são uniformes. “A técnica da notícia jornalística é um dos raros exemplos de texto desenvolvido fora da tradição da literatura, com base na maneira espontânea com que as pessoas contam umas às outras suas experiências” (LAGE, 2006, p. 175).

Lage traz várias explicações técnicas e de redação sobre como estruturar o *lead*, explica suas possibilidades de emprego, destrincha-o em suas partes, debate seus arcaísmos verbais e os possíveis impactos que o formato pode gerar no público, estabelecendo comunicações e repassando as mensagens informativas desejadas (a depender das formas como foram elaboradas). Impossível escapar de uma certa datação, explicada nesta edição inicial de *Estrutura da Notícia* pelo momento em que foi publicada – em 1993 –, antes do início da internet comercial no Brasil, o que pode ser verificado quando debate, por exemplo, a questão dos espaços

disponíveis para as notícias nos jornais impressos, o que também, inegavelmente, está na gênese da própria criação do *lead* (modelo que facilitava cortes no texto e evitava atrasos maiores nos fluxos industriais de fechamentos dos jornais). Não deixa, porém, de ter valor histórico.

Não obstante isso, o que importa debater é a ideia de notícia que Nilson Lage traz, extremamente moderna já para aquele tempo e ainda muito atual hoje. Ele reconhece o papel do *lead* e auxilia que várias gerações de professores brasileiros, ao adotarem seus títulos em sala de aula, possam ensinar como o formato é redigido de maneira eficiente. Nilson Lage sabia que o básico precisava ser bem aprendido para que fosse devidamente realizado. A notícia é o alicerce para formatos jornalísticos mais amplos e complexos e ela continua a ser o motor da atividade nas mais diversas plataformas, como portais de internet, emissoras de TV e rádio e até redes sociais dos mais diferentes veículos de comunicação. Os conhecimentos sobre o *lead*, dessa forma, continuam fundamentais, essenciais para que o profissional consiga transmitir, muitas vezes com senso de urgência, os dados que está apurando, as cenas que testemunha, os desdobramentos de determinados episódios. E o público espera essa eficiência, sobretudo agora que está mais acostumado com ritmos que se aceleram no consumo da informação em seus mais diferentes modelos.

Apesar de reconhecer essa importância, Nilson Lage refuta a ideia de que escrever e transmitir uma notícia seja algo restrito a questões técnicas. Ao invés de acumular planos esquemáticos para a elaboração de um conteúdo informativo, o teórico salienta que essa produção é, antes de tudo, simbólica e que seu elemento primordial não é uma fórmula, mas a narrativa que cada fato oportuniza e que cada profissional irá construir de maneira específica.

Se o *lead* é a bússola, a narrativa é a caminhada até chegar ao norte almejado. Essa é uma posição crucial para não só desmitificar a imagem de que as informações são sempre padronizadas e que qualquer pessoa pode, decorando o passo-a-passo, produzir conteúdos jornalísticos de qualidade, mas também para revelar que o Jornalismo, inserido no mundo, ajuda a compreendê-lo em níveis mais profundos.

Nilson Lage aponta para conhecimentos que ultrapassam o mero encadeamento de respostas a perguntas já dadas, mostrando que nessa construção discursiva, mesmo do modelo mais básico da estrutura jornalística, está-se contando uma história e que cada história tem seu *locus* próprio, suas idiossincrasias, seus elementos que chegam ao profissional da comunicação de formas diferentes. Este, por sua vez, também usará de suas vivências, de um certo grau de hermenêutica para redigir uma versão daquilo que apurou, entregando ao público uma narrativa com diferentes dimensões de objetividade e subjetividade, e não uma equação matemática fria e repetível.

Por isso é pertinente pontuar que a notícia é, apesar de sua condição de relato rápido e feito observando determinados parâmetros, uma construção discursiva. Peter Berger e Thomas Luckmann (2010) enfatizam que “sendo a sociedade uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, qualquer adequada compreensão teórica relativa a ela deve abranger ambos estes aspectos” (p. 167). Nunca é demais lembrar que a Comunicação como um todo – e o Jornalismo, em particular – são ciências sociais aplicadas. Berger e Luckmann aliam-se às bases da corrente teórica conhecida como Interacionismo Simbólico, que teve suas ideias fundadoras fornecidas por autores como Alfred Schütz (*El Problema de la Realidad Social*, 2008), George Mead (*Mente, Self e Sociedade*, 2021) e Georg Simmel (*Questões Fundamentais da Sociologia*, 2006). Essa linha filosófico-social foi batizada por trabalhos de Herbert Blumer, publicados a partir dos anos 1930, inseridos no contexto de produção da Escola Sociológica de Chicago (em articulação com a Psicologia Social). Foram estudos focados nas interações

humanas e como elas, de muitas maneiras, moldam a sociedade e são moldados por esta. Vários campos de conhecimento interessaram-se por essas conclusões, algo que ocorreu também na Comunicação.

Robert Park (2008) atestava o poder político das notícias nos humores da opinião pública, concedendo-lhe um papel relevante na construção de atmosferas sociais em relação a determinados temas, sobretudo os mais sensíveis. Em sua visão, os ambientes sociais precisam de elementos que sejam compartilhados para que os fatos possam ser apreendidos e gerem significados. “Contudo, no que tange a política, é verdade que não há nem pode haver algo chamado notícia a não ser numa comunidade com tradição e comum entendimento em termos de quais eventos são normalmente interpretados” (PARK, 2008, p. 82). Fica nítida a concepção de que a notícia é um dado socialmente construído e que só se faz presente com essa condição intrínseca, levando-se em conta, inevitavelmente, um conjunto de processos e métodos que não necessariamente se repetem em sua elaboração, em seu *newsmaking*, havendo interferências múltiplas em várias fases desse trabalho. Interferências que também dialogam com a sociedade na qual os atores da informação, incluindo os jornalistas, estão inseridos. Motta (2012) aborda essas discussões de construção social do mundo apreendido por meio do Jornalismo quando toma como objeto de reflexão as narrativas, perguntando-se até que ponto elas representam, apresentam ou até mesmo experimentam com a realidade que descrevem.

A partir dos autores pioneiros e de comentadores como Berger e Luckmann (2010), fundou-se uma discussão sólida de como o Jornalismo e a elaboração de conteúdos noticiosos e informativos participam dessa lógica. Em contraste com teorias que pregavam um efeito absolutista e disseminado de tais discursos junto à sociedade e uma padronização inexorável herdada de um pretenso objetivismo total a que o Jornalismo deveria aderir — a exemplo de teorias como a hipodérmica ou a do espelho —, ganhou força uma abordagem “construcionista” dessa discussão. A “construção social da realidade”, portanto, transfere-se também para a produção jornalística. Nesta linha, Alsina (2009) atesta que “temos de lembrar que a construção da notícia é um processo de três fases: a produção, a circulação e o consumo” (p. 10). Percebe-se um diálogo estreito com as fases elencadas por Lage e já mencionadas: “seleção dos eventos, ordenação dos eventos e nomeação” (1993a, p. 21).

Dessa forma, fica muito claro que Nilson Lage compreende a notícia como uma construção, mas isso não quer dizer que esteja totalmente de acordo com todos os preceitos dos defensores desta linha de pensamento e apreensão da realidade. Mesmo aliando-se às teorias construcionistas da notícia nos ensinamentos que transmite em suas obras, Lage não cai em uma armadilha comum na qual muitos adeptos de tais posturas sucumbem com inquietante frequência: o relativismo. Em termos gerais, ele alerta: ainda que a informação passe por vários níveis e filtros de elaboração, em que se inserem variáveis culturais, subjetivas e contextuais dadas pela sociedade e pelos indivíduos envolvidos, isso não significa uma relativização dos fatos concretos e averiguáveis.

Para marcar essa posição, seu trabalho recorre, entre outros argumentos, à conhecida classificação do linguista russo Roman Jakobson (1997), que distinguiu o que chamou de “funções da linguagem”. Lage reforça que a notícia, dentro desse universo, contempla a função referencial, ou seja, “aquela que se reporta, no caso, ao mundo objetivo, exterior ao processo de comunicação” (1993a, p. 24). Segundo ele, “a comunicação jornalística é, por definição, referencial, isto é, fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si” (1993b, p. 39). Este é um ensinamento fundamental na formação dos jornalistas e significa que eles precisam estar atentos ao verificável, ao que é possível apurar, sem se darem direitos que não têm no relato de um fato, como fantasiar ou produzir ficção.

*A busca de enunciados mais referenciais, concretos, justifica muito do trabalho na apuração de notícias: a hora exata do atropelamento, a placa do carro, o nome inteiro das pessoas, o número do túmulo vão ter, no texto, efeito de realidade, isto é, contribuir para a verossimilhança da história.* (LAGE, 1993b, p. 42, grifos do autor).

Isso, porém, é muito diferente de dizer que todos os relatos são absolutamente objetivos pela simples razão de que todas as apurações que observam esses preceitos básicos e inafastáveis ainda são “construções sociais da realidade”. Afinal, são pessoas a escrever e a repassar informações, atravessadas, todas elas, por valores sociais, contextos históricos, vivências e opiniões, ainda que possam não ser explicitamente expressas. José Marques de Melo (2003) faz uma separação mais rígida entre gêneros jornalísticos informativos e opinativos, mas um contraponto a essa disposição é feito por Manuel Carlos Chaparro (2008), que defende que também esses gêneros se misturam e que informação e opinião estão entrelaçadas.

Isso se daria, por exemplo, pelos ângulos com que o mesmo fato pode ser abordado, as linhas editoriais a que o relato estará submetido, na escolha das fontes a serem ouvidas e nas ênfases e ocultamentos que são acionados nessa construção discursiva. Uma construção que é, também, narrativa. Uma narrativa que é composta por todos os elementos acima citados e que são feitas na apresentação noticiosa de uma determinada realidade. Uma realidade com a qual o jornalismo tem compromissos até deontológicos, mas que ao contemplá-la, fatalmente construirá um discurso — ou vários deles — a respeito.

É exatamente essa reflexão, que supera em muito uma visão estreita de que os padrões da notícia se resumem apenas a meras fórmulas, que Lage traz, fugindo de soluções fáceis e convidando os alunos, com seus livros introdutórios, a pensar um pouco mais profundamente sobre seu ofício e suas práticas. Não é acidental, portanto, que ele se debruce sobre o ato de narrar, ainda que a notícia pareça a tantos como um quebra-cabeça em que bastaria encaixar algumas peças pré-moldadas. “A narrativa é um gênero literário de tradição assentada no épico. Sua espinha dorsal é a organização dos eventos em sequências, de modo que o primeiro antecede o segundo, o segundo o terceiro, e assim por diante: são registrados na mesma ordem em que teriam ocorrido, no tempo” (LAGE, 1993a, p. 16). Completando este raciocínio, ele escreve:

- a) o início e o fim da sequência são eleitos arbitrariamente pelo narrador. Nada, a não ser a estratégia narrativa, impediria que se começasse por um evento anterior (...) ou alongasse a sequência, incluindo eventos posteriores. O fluxo dos eventos, no mundo objetivo, é infinito;
- b) cada evento pode ser fracionado em partes, de modo que o narrador escolhe o ritmo da sequência (...)
- c) a sequência sugere, mas não afirma, relações causais. Isto, em retórica, se traduz por uma proposição latina: *post hoc, ergo propter hoc* [depois disso, logo causado por isso]. A sugestão é tão forte que se traduz em parentescos semânticos tais como as relações *sequência/consequência, seguinte/consequinte*. (LAGE, 1993a, p. 17, grifos do autor).

Atenção para a parte em que Lage diz que “o narrador escolhe o ritmo da sequência”. Este é um ensinamento valioso. O jornalista/narrador não cria, de sua imaginação, o que vai contar, mas a forma como fará isso, mesmo em modelos mais simples como o do *lead* noticioso, também passa por decisões pessoais. Na mesma direção tomada por Nilson Lage, Muniz Sodré salienta:

Na notícia, que é uma estratégia ou gênero discursivo essencialmente jornalístico, o acontecimento referido obriga-se a ser verídico (real-histórico, portanto) e a obedecer à técnica corrente na prática do jornal. O real da notícia é a sua ‘factualidade’, a sua condição de representar um *fato* por meio do *acontecimento* jornalístico. (SODRÉ, 2009, p. 27, grifos do autor).

Sodré faz uma ampla diferenciação, até mesmo filosófica, entre os conceitos de fato, acontecimento e notícia, que não cabe aqui detalhar, mas que é resumida, pelo próprio autor, da seguinte maneira:

Parte-se do ‘fato em bruto’ (ou ‘fato bruto’), isto é, das qualidades ainda indiferenciadas de uma ocorrência, para transformá-lo em ‘acontecimento’ por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’, esse microrrelato que, desdobrado ou ampliado, nos dará possibilidades de acesso argumentativo ao ‘fato social’. (SODRÉ, 2009, p. 71).

“Fato social” é o que se coloca como parâmetro nas teorias construcionistas da notícia, como vimos anteriormente. Tomando o que diz Fonseca (2010, p. 173), “para o jornalismo, um campo específico da comunicação midiática, acontecimento é o fato digno de registro na forma de notícia”, essa filtragem não se dá sem que a sociedade dela participe com seus parâmetros e valores, que podem se alterar de acordo com épocas e contextos. Ao refazer a trajetória desse gênero, Ponte (2005, p. 53) salienta essas muitas possibilidades ao sublinhar as diferenças que existiam da ideia de notícia em jornais anglo-americanos e franceses durante um longo tempo. Em suas obras, Nilson Lage dialoga com tais conceitos, esclarecendo a natureza de cada um deles, também fazendo diferenciações, mas sem que haja confusões, levando seus leitores a compreender as especificidades de cada momento de interação com os fatos e sua elaboração enquanto discurso jornalístico, em que há uma carga simbólica própria.

1. a notícia trata de um fato, acontecimento que contém elementos de ineditismo, intensidade, atualidade, proximidade e identificação que o tornam relevante; corresponde, frequentemente, à disfunção de algum sistema — a queda do avião, a quebra da normalidade institucional, etc. Já a informação trata de um assunto, determinado ou não por fato gerador de interesse;
2. a notícia independe, em regra, das intenções dos jornalistas; a informação decorre da intenção, de uma ‘visão jornalística’ dos fatos;
3. a notícia e a informação jornalística contêm, em geral, graus diferentes de profundidade no trato do assunto; a notícia é mais breve, sumária, pouco durável, presa à emergência do evento que a gerou. A informação é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações entre os universos de dados;
4. a notícia típica é da emergência de um fato novo, de sua descoberta ou revelação; a informação típica dá conta de um estado-de-arte, isto é, da situação momentânea em determinado campo de conhecimento. (LAGE, 2006, p. 114).

É importante notar que tanto Nilson Lage, quanto Muniz Sodré aludem a elementos essenciais dessas narrativas e que norteiam todos os momentos da elaboração do discurso noticioso, da escolha do tema às maneiras possíveis de trabalhá-lo. Adelmo Genro Filho (2012), na influente obra que deixou para as teorias do Jornalismo, também abordava essas questões ao afirmar que, diferente do que muito se dizia sobre o que tinha potencial ou não de virar notícia, não era a importância do fato o principal parâmetro de seleção, mas sim sua singularidade. Ao invés da famosa imagem da “pirâmide invertida” que o *lead* consolidou, já que a fundação do relato — as perguntas da base no início do texto — colocava de ponta cabeça a tal “pirâmide”, propunha-se que o cume dessa construção seria, na verdade, o elemento mais singular da narrativa:

A tese da ‘pirâmide invertida’ quer ilustrar que a notícia caminha do ‘mais importante’ para o ‘menos importante’. Há algo de verdadeiro nisso. Do ponto de vista meramente descritivo, o *lead*, enquanto apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular da informação, encarna realmente o momento jornalístico mais importante. *Não obstante, sob o ângulo epistemológico – que é o fundamental – a pirâmide invertida deve ser revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra. Nesse sentido, a notícia caminha não do mais importante para o menos importante (ou vice-versa), mas do singular para o particular, do cume para a base.* O segredo da pirâmide é que ela está invertida, quando deveria estar

como as pirâmides seculares do velho Egito: em pé, assentada sobre sua base natural. (GENRO FILHO, 2012, p. 201, grifos do autor).

Ao tratar da “estrutura da notícia”, Nilson Lage apresenta o modelo clássico do *lead*, mas não demonstra, em momento algum, que aquele é o único. Ele deixa aberturas para os diálogos teóricos em torno dessa narrativa, que podem abrigar, numa dinâmica de ensino em cursos de Jornalismo, interações com as visões de autores como Muniz Sodré ou Adelmo Genro Filho, revelando não uma frouxidão, mas uma versatilidade que, quase 30 anos após publicados, ainda dá frescor inquestionável aos seus trabalhos lançados na primeira metade dos anos 1990. Nem mesmo todas as modificações pelas quais o Jornalismo passou foram capazes de tornar obsoletas suas análises e orientações.

Essa capacidade de articulação teórica pode ser demonstrada quando, ainda na construção da notícia, Lage admite o papel da narrativa, algo que ele abraçará de forma mais intensa ao tratar de outro gênero jornalístico relevante: a reportagem. Ele faz advertências, como a de que “a produção de textos pressupõe restrições do código linguístico” e que “o jornalismo não é, porém, um gênero literário a mais”, uma vez que “o jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato”, fazendo com que “as variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura” (LAGE, 1993b, p. 35), mas isso não subentende o cerceamento de possibilidades. Ainda que admita que na notícia haja um perecer mais rápido da informação, tornando-a até descartável, sua elaboração e suas formas de atrair a atenção e ser consumida incorporam a construção de uma realidade apreensível pela narração.

Esse ato construtivo, no discurso jornalístico, tem características reconhecíveis. “O jornalismo tem uma maneira própria de perceber e produzir ‘seus fatos’. Sabemos que os fatos não existem previamente como tais” (GENRO FILHO, 2012, p. 194). Por sua vez, Muniz Sodré assinala: “O conhecimento dos fatos redundante, na verdade, em história, em torno da qual sempre girou o jornalismo [...]” (2009, p. 32). O que Nilson Lage faz em seus livros, tão utilizados para explicar como se redige e funciona a recepção das notícias, é revelar para seus leitores que, mesmo existindo técnicas específicas e linguagens adequadas nessa operação, ela nunca se dá como um esquema matemático. Jornalismo não se faz sem interfaces com o mundo e com aqueles que se envolvem em sua construção e tais imbricações se dão em narrativas e maneiras diversas de utilizar tais modelos. Podemos considerar que seus livros de três décadas atrás já vislumbravam entendimentos que se firmariam posteriormente, o que fica ainda mais nítido quando se pensa no gênero reportagem.

## Reportagem

A construção social da realidade intensifica-se quando há a possibilidade de elaborar narrativas mais complexas e variadas, com outras dinâmicas e mais personagens, nas quais estratégias discursivas menos compactas ganham proeminência e espaço para se desenvolverem. Em suas obras direcionadas para os estudantes e jovens formados em Jornalismo, Lage sempre salientou as diferenças inerentes entre um gênero e outro, mas vale constatar que ele não as apresenta como uma dicotomia, como às vezes parecem ser definidas as distinções entre elas. O autor se mostra muito didático quando precisa ser, sem cair na tentação de reducionismos, como se a reportagem pudesse ser compreendida apenas por seus distanciamentos em relação à notícia.

A distância entre reportagem e notícia estabelece-se, na prática, a partir da pauta, isto é, do projeto de texto. Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. No restante, os sistemas de captação de notícias mantêm contato permanente com os se-



tores que registram primeiros acontecimentos de interesse público, desde o parlamento até a delegacia de polícia.

Reportagens supõem outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é matéria-prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou ser atualizados por um acontecimento. (...) A pauta deve indicar de que maneira o assunto será abordado, que tipo e quantas ilustrações, o tempo de apuração, os deslocamentos da equipe, o tamanho e até o estilo da matéria; para tudo isso, é preciso dispor de dados.

O estilo da reportagem é menos rígido do que o da notícia: varia com o veículo, o público, o assunto. Podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de romance. (LAGE, 1993a, p. 47).

Como é perceptível, Nilson Lage não se esquece de aproximar a reportagem enquanto produto de sua origem mais inspiradora, que é a literatura, reforçando uma tradição de seus ensinamentos em não fazer do Jornalismo uma produção quase insular, negando as versões de pureza absoluta de um discurso que é atravessado por tantos outros. Ele é até mais ousado nesse sentido, uma vez que estabelece paralelos que alcançam todos os níveis da elaboração das reportagens e não apenas a dimensão do texto em si. Um certo olhar de equivalência que vai até à escolha do que é abordado.

Precisava-se abordar temas que o empolgassem. O paradigma para isso era a literatura novelesca: o sentimentalismo para as moças; a aventura, para os jovens; o exótico e o incomum, para toda a gente. A realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção e, se não fosse, era preciso fazê-la ser. (LAGE, 2006, p. 15).

Novamente, Nilson Lage revela uma postura que se esquiva de leituras estreitas do Jornalismo, o que, por consequência, também evita visões maniqueístas quanto ao trabalho de informar, como se houvesse um gênero melhor ou pior que outro. Ele deixa claro que há diferenças, mas que, em todas elas, existe um papel da narração, da elaboração da realidade que requer uma série de habilidades e competências. Em todas essas possibilidades — em textos mais curtos ou mais longos, mais profundos ou mais rápidos — há a necessidade que o indivíduo mergulhe na realidade para construí-la discursivamente. “A natureza humana e inteligente do agente-repórter manifesta-se por outro traço difícil de reproduzir, com qualquer tecnologia previsível em um equipamento: o *insight*” (LAGE, 2006, p. 26, grifo do autor).

Com essa estratégia explicativa, as obras de Nilson Lage permitem que se desvie de um problema complexo de se resolver para quem ensina Jornalismo em sala de aula. É muito comum que professores da área se vejam diante do desafio de convencer estudantes de que saber escrever uma notícia é tão importante e nobre quanto saber produzir uma reportagem. Mais que isso, é um desafio argumentar que, sem que se saiba fazer o básico, não se pode conseguir conduzir um relato que envolva outro nível de aprofundamento. Ansiedade, vaidade e outros sentimentos comuns a quem começa a carreira podem ser constatados nessa postura resistente àquilo que não lhes pareça tão glamouroso, numa espécie de “síndrome do repórter especial”. Lage ajuda a desarticular essa imagem equivocada, assinalando que o Jornalismo é feito, nos seus mais diferentes modos, com premissas que são comuns no trabalho de apuração, nas posturas éticas, na procura da precisão, ao mesmo tempo que não superdimensiona a reportagem em detrimento de uma diminuição da importância da notícia.

Isso acontece porque Nilson Lage livra-se de certos estereótipos quanto a tais temas, como aqueles que, invariavelmente, dão à notícia uma imagem desabonadora, um tipo de produção que, por vezes, seria feita para escamotear realidades ou simplificá-las levemente. Esses problemas, infelizmente mais comuns do

que gostaríamos, não podem ser creditados às características de um gênero ou outro, mas ao reconhecimento de que eles podem apresentar tais defeitos se não forem realizados devidamente. Para tanto, é preciso que os profissionais compreendam o que estão fazendo ao sair à rua para fazer uma apuração, ao ligar para uma fonte em busca de uma entrevista, ao organizar as informações em um relato inteligível e que, por natureza, produz sentidos e reações.

Trata-se, como pondera Lage, de uma elaboração que começa ainda na construção de pautas, quando várias questões devem ser levadas em conta: “[...] ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc.” (LAGE, 2006, p. 34). Para debater esse tema, o autor recupera a conhecida classificação de fontes, separando-as em alguns grupos: 1) oficiais, oficiosas e independentes (quanto à natureza de sua origem); 2) primárias e secundárias (quanto ao nível de acesso que podem ter à informação de que dispõem); 3) testemunhas e experts (quanto aos lugares de fala que cada uma assume diante de um assunto).

Isso, porém, não invalida o fato — na verdade, o referenda — de que a elaboração de conteúdos jornalísticos se dá numa construção que subentende escolhas em diversas etapas de sua produção, do enquadramento assumido (que pode levar em consideração linhas editoriais, preferências pessoais, leituras específicas da realidade, interesses internos ou externos do veículo de comunicação que a publica), mas também na seleção de fontes e da expectativa dos papéis que poderão desempenhar nesse discurso, como personagens, donos de opiniões e análises ou como portadoras de informações relevantes e mesmo exclusivas.

Em outras dimensões da realização do trabalho de reportagem, Nilson Lage aponta peças-chave dessas composições que também são sociais — elas chegarão ao público e vão impactá-lo em algum nível — e sobre a sociedade. “De qualquer maneira, existe sempre alguma interpretação nas reportagens. O importante é que se respeitem os fatos, dos quais não se poder discordar, e se dê ao leitor, com humildade, o direito de avaliá-los segundo seu próprio repertório, seus valores” (LAGE, 1993a, p. 48). Complementando essa visão mais holística e não instrumental da reportagem, Lage sublinha: “Há relação entre interesse jornalístico e abrangência de público para uma informação. Quanto maior o interesse jornalístico, maior a abrangência do público a que a informação se possa destinar.” (2006, p. 113).

Se, como diz Lage, “muitas reportagens resultam da observação de fatos que geralmente passam despercebidos. [...] Outros decorrem de inferências” (2006, p. 45), na construção do conteúdo, na elaboração das narrativas jornalísticas cabem inspirações que o professor não refuta; ao contrário, estimula, sem, contudo, misturar estações. Esses lembretes, até pela natureza do tipo de texto em debate, são mais necessários na produção de reportagens, uma preocupação que outros livros de referência no ensino do Jornalismo costumam dar até em demasia, o que pode amedrontar quem teria condições e talento para sair do convencional. Nas obras assinadas por Nilson Lage, principalmente nas que estamos analisando neste artigo, voltadas primordialmente para os estereótipos na profissão, ele busca não espalhar placas de “proibido ultrapassar”. Ele prefere falar de bom senso no árduo desafio de compor narrativas sobre o mundo, sem que isso oblitere a criatividade, outro elemento essencial para o bom jornalismo.

Dadas suas contribuições, Nilson Lage consolidou-se como uma referência no debate sobre o Jornalismo, com trabalhos e reflexões que atendem duas pontas essenciais do trabalho de informar, quais sejam, orientar sobre procedimentos básicos e, ao mesmo tempo, pautar discussões que contemplem os vieses político-ideológicos dos discursos da informação. Essa influência se faz sentir quando ele continua a ser estudado mesmo quando os formatos jornalísticos e noticiosos passaram por mudanças drásticas nos últimos anos. Um bom exemplo dessa força pode ser visto nos trabalhos que Thaís de Mendonça Jorge (2012) traz sobre as

“mutações do jornalismo” e sua abordagem sobre “pirâmide e hipernotícia”, em que se debruça sobre os conteúdos informativos dos meios digitais. Lá está Nilson Lage, a auxiliar como uma bússola quanto a essas transformações. O mesmo faz Eduardo Meditsch (2010), no texto *Jornalismo e Construção Social do Acontecimento*, ao dialogar com outra obra de Nilson Lage – *Ideologia e Técnica da Notícia* (2012), não analisada aqui –, na qual ele verticaliza os comentários e conclusões acerca de como os conteúdos de notícias (e também as formas com que são elaborados) trazem embutidos cargas importantes de ideologias.

## Considerações

O que se pretendeu enfatizar neste breve trabalho não foi uma abordagem inédita das muitas contribuições que Nilson Lage legou ao campo da Comunicação como um todo e do Jornalismo em particular, mas sim apontar sua perenidade e renovada atualidade, o que é um feito impressionante diante de cenários tão dinâmicos que essas áreas têm experimentado nas últimas décadas. Mesmo a transformação de linguagens e o surgimento de novas plataformas midiáticas não foram capazes de retirar a pertinência de seus livros voltados especialmente para o ensino do Jornalismo. Isso se deve, sobretudo, porque sua visão teórica aliada a um olhar detido sobre a prática — dimensões que nunca devem estar afastadas, nem na academia, nem no mercado — permitiu que seus escritos continuem a ser adotados. A transparência das diretrizes e também das críticas tecidas, o reconhecimento da importância de desafios tangíveis do ofício do Jornalismo, o diálogo e o resgate com textos basilares da Comunicação fazem com que títulos, há tanto tempo publicados, mantenham sua relevância, seu papel a cumprir na formação daqueles e daquelas que poderão qualificar uma área profissional socialmente tão fundamental.

O legado de Nilson Lage mede-se também por esse aspecto. Ele pertence àquele grupo de teóricos e teóricas que ajudam a balizar os rumos de debates prementes da área, renovando provocações e buscando no estudo dos problemas e das características pertencentes à atividade os temas de suas perguntas, de suas inquietações e de seus esforços intelectuais. No caso do professor que este dossiê homenageia e debate, porém, há uma interface que poucos podem ostentar: ele também escreveu para os alunos. Se suas intervenções no debate teórico são valiosas, o carinho que dedicou à formação dos discentes nas universidades de todo o País, presencialmente ou com suas obras, é digno de nota. Isso não só expande seu alcance, como também lhe dá um perfil muito particular e que merece ser lembrado e reafirmado. Os ensinamentos de Nilson Lage, com especial ênfase em gêneros tão utilizados no Jornalismo – casos da notícia e da reportagem – continuarão vivos naqueles que tiveram contato com seus trabalhos. Ao que tudo indica, esse processo continuará a ocorrer, renovando-se naturalmente, dadas as qualidades de uma obra vigorosa e que já há décadas revitaliza seu lugar.

---

## Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Trad.: Jacob A. Pierce. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Trad.: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2010.

- FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. O acontecimento como notícia: do conceito à prática profissional. *In*: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. p. 167-185.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad.: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1997.
- JORGE, Thaís de Mendonça. Pirâmide e hipernotícia: elementos para uma discussão sobre o texto no jornalismo digital. *In*: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo e sociedade**: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012. p. 123-143.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1993a.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1993b.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2012.
- MEAD, George Herbert. **Mente, self e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. *In*: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. (p. 19-42.)
- MELO, José Marques. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade: *In*: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo e sociedade**: teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012. p. 219-241.
- PARK, Robert. Notícia e o poder da imprensa. *In*: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 71-82.
- PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.
- SCHÜTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Madri: Amorrortu, 2008.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.